

DARKVISION

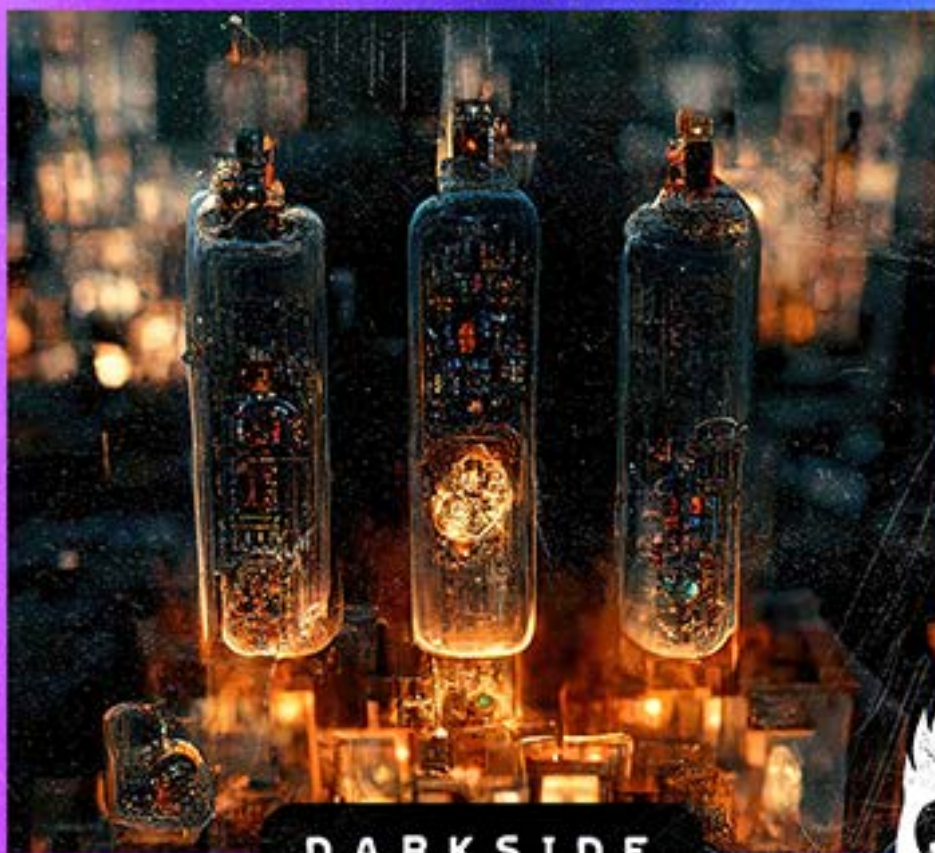
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL

DARK

RUA D'ARGONNEL, 1896

CESAR BRAVO



DarkSide® Entretenimento Ltda.

DARKSIDE

TERRORBR

©2022





DARKVISION
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL
DARK
DARKSIDE

CESAR BRAVO

RUA D'ARCONNEL, 1896

CESAR BRAVO

*The Vatican said, "Woe, the Lord has come"
Hollywood rushed out an epic film
And Ronnie the Popular said it was a communist plot**

"It Came Out of the Sky" — **Creedence Clearwater Revival**

— ...se você ficar falando junto eu não consigo ouvir direito!

O menino voltou a grudar a cabeça no rádio, como já vinha fazendo desde que captou a primeira interferência. E o que esperavam que ele fizesse? E o que mais ele poderia fazer?

A notícia sobre estranhas vozes aparecendo nos rádios começou a se espalhar por Terra Cota em meados de outubro, discretamente, e, sessenta dias depois, o menino já tinha plena certeza de que era tudo

* *O Vaticano disse, "Oh! O senhor está vindo!" / Hollywood apressou um filme épico / E Ronnie, o Popular, disse que era uma conspiração comunista.*

verdade. Mas ele era um dos poucos. Mesmo o melhor amigo ao seu lado, Jaime Távora, não acreditava muito naquela história. Para Jaime e muitos outros, o melhor da vida é que ela fosse simples. Começo, meio e fim. Nada de reprises.

— Só pra você saber, eu continuo não gostando nadinha desse negócio — Jaime reforçou.

À frente dele, Cisco voltou a mover o botão de sintonia.

O som que saía do alto-falante era confuso, embaralhado e, mesmo que não trouxesse nada de sobrenatural, era repugnante o suficiente para arrepiar a pele. Se por um descuido Cisco fechasse os olhos, muitos rostos que já se foram tomariam conta de sua mente. Seu tio Cardoso dentro de uma camisa suja de graxa, o avô Fernando e seu cabelo tingido de cinza, a prima Elizandra que foi enterrada com um vestido florido novinho; toda aquela gente que foi embora sem se despedir direito, toda aquela agonia. Quando pensava neles, também pensava na pele desbotada, nos olhos opacos, nas pernas frouxas e cabelos quebradiços; aquelas coisas terríveis que só os mortos podem ter. Era um pouco diferente quando pensava em seu pai.

Com mais um toque no botão de sintonia, o velho Philco pareceu soltar um suspiro.

— Que foi isso? — Jaime perguntou. Já sentia o coração pular feito um cabrito.

Não o impediu de chegar mais perto.

De todos os vícios humanos, o mais poderoso parece ser mesmo a curiosidade. É essa substância que faz as crianças escalam as janelas dos prédios, que as induz a engolirem produtos de limpeza coloridos, é a mesma curiosidade que as torna presas fáceis para uma porção de doentes lunáticos e igualmente curiosos.

À medida que Jaime se aproximava, um som semelhante ao ar escoado lentamente por uma garganta, um arrastado gemido humano, tentava emergir pelo alto-falante do rádio. Logo se perdeu. O Philco não era grande coisa, não foi grande coisa nem mesmo quando foi concebido. Ele tinha a banda AM que parecia funcionar melhor naquele tipo de... culto, mas a sintonia fina era uma piada.

Com mais um movimento no dial, novos ruídos surgiram.

— Tá conseguindo entender alguma coisa? — Jaime perguntou.

Cisco não se moveu perceptivelmente, mas seus dedos alteraram o botão da sintonia com a delicadeza de um cirurgião. Apenas quando um forte apito de microfonia substituiu os ruídos confusos, ele respondeu:

— Não deve ser na nossa língua.

— Credo. Não deve é ser coisa de Deus.

— E o que é coisa de Deus, Jaime? O povo da igreja chamando quem não é da igreja de demônio? O cemitério que não tem mais lugar pra enterrar gente? Oh, não... coisa de Deus deve ser as criancinhas que passam fome.

Jaime ficou calado. Ultimamente, essa era uma ótima estratégia com seu amigo. Silêncio instaurado, apenas a chiadeira do rádio preenchia a sala. A vizinhança também parecia calada naquela noite, mesmo os cães da rua estavam silenciosos. O bar da esquina estava fechado, o vento soprava morno e fraco.

BÁÁÁÁÁÁÁÁÁ!, a campainha de cigarra berrou de repente. Cisco tirou as mãos do rádio como quem leva um choque. A Jaime, coube travar as próprias pernas, na tentativa de frear um vazamento de urina. Ele conseguiu evitar o pior, mas apostava que tinha deixado escapar algumas gotas.

Os meninos se entreolharam, como se o toque da campainha fosse um atestado da presença do outro mundo.

— Sou eu! Sofia! Eu sei que vocês tão aí, a bicicleta do Jaime tá aqui encostada na porta.

Jaime se adiantou.

— Vão abrir ou não? — ela pressionou.

— Nossa, como você é ansiosa — ele disse assim que destrancou a porta.

— Viram o que aconteceu na tv? — Sofia foi entrando.

— Não tem tv aqui em casa. Minha mãe não deixa, lembra? — Cisco disse.

Sofia revirou os olhos. Por mais que soubesse da situação do amigo, ainda parecia impossível que algum ser humano conseguisse viver sem uma tela. Na casa de Cisco não tinha tv, não tinha computador, nem mesmo um celular. Aliás, a casa toda parecia um showroom dos anos quarenta.

Aproveitando a abertura da porta, um gato rajado se esgueirou e tomou seu posto no sofá. Começou a lamber a pata assim que se deitou.

— O que tem na tv? — Cisco quis saber.

— Ninguém sabe, mas apareceu um rosto de gente no intervalo do jornal.

— E não é isso que a tv faz? — Jaime disse.

— Deixa de ser tonto! Não era *bem* um rosto de gente, era... estranho. E não tinha boca. Ninguém sabe o que era, mas quem viu deu um grito.

— Um grito? — Cisco repetiu.

— Foi o que falaram.

E o rádio sussurrou novamente. Não foi um som discernível, mas algo distorcido, rachado. Ainda assim, a coisa pareceu emitir uma sílaba. Um *shiiiiii* que pareceu o guizo de uma cascavel. Mas que também pareceu um *ciiii*sssss.

Cisco tocou o aparelho com as duas mãos.

— É você? Se for você, fala comigo.

— Ai, meu Deus... — Sofia acabou dizendo baixinho, só para Jaime ouvir. O garoto fez uma careta e sacudiu a cabeça. Cisco havia perdido seu pai há menos de um ano, e todos sabiam que ele e o velho eram unha e carne. Sabiam tanto que nunca o deixavam sozinho.

— Sou eu, o Francisco. Fala comigo, pai.

Por mais que parecesse loucura, tirar as esperanças do amigo parecia crueldade, o que era bem pior que a loucura.

Como se aquela sala já não estivesse cheia de tensão o bastante, a luz da cozinha, que fazia ligação com o cômodo, oscilou, variando seu brilho algumas vezes. O gato Tenório, até então concentrado nas patas dianteiras, se postou de pé e gemeu, como se quisesse falar.

— Gente, o que tá acontecendo aqui? — Sofia tremeu a voz. Jaime já a enlaçava pelo braço.

— Fala comigo, por favor — Cisco implorou ao rádio.

Gruuuuuuuuueennlll, Tenório voltou a reclamar. O gato olhava fixamente para o aparelho, estava rígido como concreto. De tão tenso, sua coluna parecia dobrada em um ângulo reto.

Alguém gritou na vizinhança, um grito rápido e apavorado, que não se repetiu.

— Você não devia tá fazendo isso, não é bom, ainda mais tão perto do Natal!

— E no Natal a gente lembra de quem, Jaime? De um homem morto, não é? Ou Jesus ainda tá vivo? — Cisco devolveu.

Sofia e Jaime não eram muito religiosos, mas doeu um pouco ouvir aquilo sobre Jesus. Podiam não ser dois coroinhas, mas eles eram cristãos, frequentavam a igreja, os dois tinham sido crismados e tudo. Além disso, Jesus tinha sido ressuscitado, coisa que um rádio não conseguiria fazer por ninguém.

No aparelho, o sinal espúrio voltou a se diluir na estática chuvosa de algumas estações. Por mais que o menino movesse o botão se sintonia, não conseguiu nenhum avanço. Ainda de costas, no chão, ele disse:

— Desculpa, gente, eu queria ouvir ele de novo, mesmo que fosse só uma vez.

Sofia se descolou de Jaime e sentou ao lado do outro menino.

— Ele não está mais aqui, Cisco. Seu pai foi morar no céu, pertinho de Deus.

— Você acredita nisso? Acredita mesmo? De verdade? — Cisco a encarou. Havia um leve tremor em sua voz, mas nada que pudesse chegar ao choro. Seu pai sempre dizia que homem não chorava, e ele precisava ser o homem daquela casa agora.

— Eu acredito, sim.

O rádio continuava chiando baixinho, o brilho da lâmpada estava estável e Tenório havia relaxado de novo.

— O povo dessa cidade fala pelos cotovelos — Jaime disse. — Alguém deve ter inventado essa história, do mesmo jeito que inventaram as outras. É fake news daqui, fake news dali, não dá pra acreditar em mais nada. E esse negócio do rádio, sem querer desrespeitar o seu pai... essa é a maior invenção de todas.

— Mas que tá acontecendo alguma coisa em Terra Cota, isso tá — Sofia disse e se levantou. — O computador lá de casa deu problema no mês passado. Sabe o que era? Ninho de formiga. Elas fizeram casinha lá dentro e ninguém sabe o motivo. Aí, minha mãe ficou sabendo que um monte de gente da rua das torres tinha o mesmo problema. Sem falar nas abelhas que caem no chão e ficam agonizando, como se tivessem bebido veneno. E tem também os cachorr...

Sofia nunca terminou aquela frase. Sem mais nem menos, o gato Tenório saltou do sofá e desembestou pela sala com pavor em cada pelo do corpo. Ele parecia enlouquecido, pulando e gritando como se estivesse sendo perseguido por três cães. Saltava sobre si mesmo e arranhava o ar violentamente. Do sofá, ele foi para o meio da sala e se embolou em um tapete de crochê, depois se livrou da peça e escalou a estante, de onde jogou uma Bíblia e dois vasos no chão. Correu para perto da parede e começou uma guerra com a cortina, deixando rasgos com suas unhas afiadas. Sofia abriu a porta e o gato disparou pela abertura, como se escapasse de uma frigideira.

— Caceta... o que deu nele? — Jaime perguntou. Assim como os amigos, foi seguindo o rastro do gato, até o lado de fora da casa.

Havia um cheiro estranho tomando toda a vizinhança, algo parecido com o perfume de damas da noite, só que bem mais doce, meio podre. Ladeada nos fios de alta tensão da rua, havia uma porção de pombos se remexendo, pombos adoecidos e com olhos vermelhos. O chão sob o poste de luz próximo às aves estava forrado de besouros, de tal forma, que seria impossível dar um único passo sem esmagar dois ou três deles. Besouros metalizados, castanhos e cascudos; grandes como azeitonas. No horizonte distante, havia uma cor ferruginosa borrando a escuridão do céu estrelado, como se um deserto estivesse se erguendo.

Do outro lado da calçada, em uma casa com um carro vermelho na garagem, uma mulher saía com o mesmo espanto nos olhos. Na casa ao lado, um homem de chinelo de couro e meias saiu e atravessou seu portão. O cachorro do homem saiu em seguida, mas o fox paulistinha não avançou um único passo, preferindo ficar latindo aos pés do dono.

Com a maior coragem daquela rua, Sofia caminhou sobre os insetos até chegar ao meio do asfalto. *Crec, crec, crec*. A alguns metros dela, Tenório, o gato, rosnava no teto de um Opala laranja, junto de outros dezesseis ou dezoito gatos espremidos no mesmo espaço. O rádio do carro estava ligado, fora de sintonia, mas havia algo naquela frequência que parecia perturbar a paz do mundo.

Cisco caminhava direto pra ele quando ouviu o Philco de sua casa sibilar:

— Cissssssccccoooooooooo...

Essa história faz parte do universo do romance *1618*, de Cesar Bravo, publicado pela DarkSide Books® em novembro de 2022.

CESAR BRAVO conquistou o gênero horror em 2017, com o reconhecimento dos leitores, livreiros e da crítica especializada. Desde então, o autor já publicou pela DarkSide® Books: *Ultra Carnem* (2016), *VHS: Verdadeiras Histórias de Sangue* (2019), *DVD: Devoção Verdadeira a D* (2020). Em novembro de 2022, Cesar publicou seu trabalho mais criativamente ousado e transgressor, o romance *1618*.



UM CONTO DE NATAL
DARK
DARKSIDE

DARKSIDEBOOKS.COM